

“Precisamos de um ajuste duro”, diz FH

A íntegra da entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso à imprensa ontem em Cartagena, na Colômbia, é a seguinte:

Pergunta — O presidente Samper (Ernesto Samper, presidente da Colômbia) sofreu acusações de narcotráfico. E está sob ameaça de boicote econômico. Como o senhor vê isso?

FH — Queria dizer que o presidente está na Colômbia com a maior satisfação para afirmar que as relações entre os dois países se pautam pelo interesse da Colômbia e do Brasil. Única e exclusivamente. Não me corresponde fazer juízos sobre aquilo que já foi decidido pela Colômbia. Não é uma questão brasileira discutir temas já resolvidos na Colômbia. Não se trata no caso de exercer qualquer atitude ou atividade que seja contra esse ou contra aquele. É a favor da Colômbia e a favor do Brasil.

Samper (Ernesto Samper, presidente da Colômbia) — As palavras do Brasil correspondem ao gesto solidário que sempre perseguiu a Colômbia e o presidente colombiano ao longo dos anos. Nós seguimos pensando que o caminho da pressão, que o caminho da unilateralização do problema do narcotráfico é um caminho equivocado, como provam os resultados dos três anos de uma dura luta na qual temos mantido a unidade colombiana. Quanto ao embaixador dos EUA, que é uma pessoa que ao que eu saiba é muito bem conhecida no Brasil, creio que pelas mesmas razões pelas quais é conhecido na Colômbia, como todos os bons contos infantis essa história também tem um final feliz. O embaixador se foi e o presidente Samper ficou.

Pergunta — Existe uma grande expectativa no Brasil com relação a essa “courage fiscal”, a esse ajuste fiscal que deve ser anunciado semana que vem. Fala-se muito na criação de novos impostos, em aumento de impostos, a CPMF poderia passar de 0,20% para 0,25%, aumento de Imposto de Renda para pessoas jurídicas. Então, gostaria de saber do sr., de uma maneira concreta, até para tranquilizar o mercado interno e os próprios brasileiros, o que vem a ser essa “courage fiscal”?

FH — Veja, essa matéria está sendo discutida pelos ministérios econômicos do Brasil. Acredito que na segunda-feira o ministro Malan

dirá quais são as medidas para assegurar uma posição fiscal mais favorável. Os termos e itens mencionados podem ter sido eventualmente mencionados por alguém, mas não foram aprovados por mim, ainda. Isso tudo vai depender de uma aprovação minha. Agora, não se tenha ilusões. Nós precisamos, no caso do Brasil, de um ajuste fiscal mais duro, e esse ajuste virá.

Pergunta — O PSDB, o seu partido no governo, chegou a fechar questão contra o aumento de impostos, como foi anunciado. Gostaria de saber como o sr. está vendo o comportamento dos políticos, que na hora que o sr. precisa cortar despesas, lutam para manter algumas despesas e lutam para manter alguns recursos e evitar esses cortes. Gostaria ainda que o sr. explicasse melhor sobre essas medidas econômicas, esse ajuste fiscal. O sr. disse que vai ser duro, mas como ele será? Com que setores ele será mais duro?

FH — Veja, não acredito que o PSDB tenha fechado questão sobre o que não existe. Isso seria um paradoxo, como fechar questão sobre matéria que não se sabe qual é. Acho que isso é mero boato. O governo está examinando, eu já disse, apesar de ontem ter havido comentários de que na última exposição eu não avancei nada sobre essas questões, eu repeti hoje que nós temos que separar as funções. Quem está analisando e tem que tomar a iniciativa direta é a equipe econômica. É claro que submeterá a mim, de forma adequada e no momento apropriado. E a minha disposição, eu reafirmo, é a de fazer tudo para garantir o real. Esse é o objetivo. Se na comissão do orçamento alguns deputados acham que não querem cooperar nisso ou naquilo, sempre há os que acham isso ou aquilo, mas a realidade se impõe, as realidades se impõem. Eu acho que nessa hora não há consideração outra, senão a defesa do interesse da população, do povo e do País. E o povo e o País sabem que uma moeda sólida é a melhor condição para o desenvolvimento do bem-estar do país e da população. Isso é o meu lema. E os deputados que se opuserem contra isso são contra mim, são contra o governo. Eu disse que nessa questão eleitoral, alguns levantaram essa questão, o eleitorado não é ignorante, é um eleitorado que acom-

panha, que sabe, que espera que seus dirigentes, em vários níveis, tomem decisões pertinentes para o momento. Eu não terei dúvida nenhuma que se houver resistência a alguma medida necessária, eu vou lutar para que essa medida seja vitoriosa até o fim, que ninguém tenha dúvidas. Não creio que os que eventualmente imaginam que estão defendendo os seus interesses eleitorais ao se oporem a medidas necessárias estejam no caminho certo. Não, porque o eleitorado saberá distinguir. Agora, o que eu não posso é estar antecipando, especialmente aqui no exterior, medidas que são de âmbito interno, que não estão ainda no ponto de serem anunciadas. Entendo a aflição da imprensa, mas até entendo a do mercado, que perde e ganha com essas coisas. Mas a cidadania não se preocupa com isso, se preocupa que o governo tenha um rumo firme e equilibrado. E é o que nós temos.

Pergunta — A bolsa de Tóquio fechou com queda de 4,2%; a de Hong Kong, com 2,96%. A de São Paulo, até há pouco, estava com queda de 9,5%. Nós sabemos que há uma conjuntura internacional toda organizada. A Bolsa de São Paulo não reage por si só. Independentemente disso, o Brasil está sendo um alvo preferencial de especuladores ou de investidores internacionais? O sr. teme que se concretize aquilo que foi dito há poucos dias, que o Brasil é a bola da vez? E se tudo isso, essa confusão de mercado, toda essa necessidade de ajuste fiscal rígido nesse momento, isso não dificulta e atrapalha, e até quanto atrapalha o seu projeto Brasil?

FH — Começo pela parte final. Evidentemente, no momento em que as bolsas internacionais oscilam, da forma que estão oscilando, isso pode prejudicar o projeto de vários países. Isso é indiscutível. Os próprios Estados Unidos, dependendo da profundidade, que até agora não é dessa magnitude, mas, dependendo da profundidade da crise, os EUA diminuem as taxas de crescimento, aumentam juros. Enfim, haverá problemas até nos Estados Unidos. O que responderá o primeiro-ministro do Japão à sua questão, que é a mesma? Nós vamos fazer a mesma coisa, o possível e o impossível para ultrapassar essas dificuldades. Como não é uma questão brasileira, a sua pergunta já su-

põe isso, é uma questão internacional, a solução disso depende do que aconteça em vários países. O Brasil está fazendo tudo o que corresponde ao Brasil, para mostrar que estamos com nossa economia em expansão, estamos com um governo que tem rumo, estamos controlando os nossos gastos. Daí as respostas que eu dei, de que, sim, controlaremos os gastos, porque é uma maneira de reestabelecer esta coisa etérea, mas que tem significado, que é a confiança. Agora, vamos tomar as medidas necessárias para evitar que haja uma perturbação do projeto nacional. Creio que a pergunta foi bem colocada, é um programa do Brasil, mesmo. Quando existe um problema dessa natureza, não é o governo só que está em jogo, é o País que está em jogo. Por isso eu apelei vários vezes por uma compreensão nacional, porque presencio que é um problema que pode alcançar negativamente, se persistir, o povo. E não é um problema gerado por uma ação no Brasil. Veja que Hong Kong, Japão e Brasil têm situações bem distintas, mas não obstante essas crises da bolsa atingirem a esses três - isso para não falar nos outros: Malásia, Tailândia, mas não quero falar em nenhum país não citado - ocorrem consequências semelhantes com esse movimento que há nas bolsas internacionais. Por isso, não adiante pedir só que o Brasil faça isso, ou faça aquilo. Há muito tempo que não sou o único. Estamos pedindo que haja algum instrumento de controle no sistema internacional que faça face em certos momentos a essas especulações, porque está se vendo que essas coisas ocorrem e atingem indiscriminadamente países com bom estado econômico, como é o caso do Brasil, com a política de um tipo ou de outro tipo. A política de câmbio do Brasil não é a política de câmbio de Hong Kong, a reação também é diferente, por exemplo, do que houve na Indonésia. O Japão tem outras políticas.

Pergunta — O Brasil é a bola da vez?

FH — Eu pergunto, o Japão é a bola da vez? Os Estados Unidos são a bola da vez? Isso é uma conjectura que tem o mesmo valor. O mercado, como é hoje, é uma bola que corre a esmo, que pode cair na cabeça de qualquer país. Se vier para o Brasil, nós temos que tirar. Nós somos bons de futebol. A gente cabeceia e a bola vai cair na cabeça de algum outro; melhor que caia no Atlântico.